

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra
Associação Portuguesa de Estudos Clássicos

**Boletim
de
Estudos Clássicos**

vol. 27

**JUNHO 1997
COIMBRA**

BOLETIM DE ESTUDOS CLÁSSICOS

Publicação semestral da
Associação Portuguesa de Estudos Clássicos,
com a colaboração do
Instituto de Estudos Clássicos da
Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

Directora:

Maria de Fátima Sousa e Silva

Secretários:

Cláudia Raquel Cravo da Silva

José Luís Lopes Brandão

Coordenação:

Paulo Sérgio Ferreira

Zélia de Sampaio Ventura

Capa:

Carlos Alberto Louro Fonseca

ISSN — 0872-2110

Depósito Legal n° 43144/91

Cota anual da APEC (1997) — 4000\$00

Número avulso — 1750\$00

Toda a correspondência deve ser dirigida a:

Associação Portuguesa de Estudos Clássicos

Faculdade de Letras

3049 Coimbra Codex

Tel. 039.4109981 — Fax 039.36733

AS CONJUNÇÕES EXPLETIVAS II:

RECORDAR APOLÓNIO DÍSCOLO

0. As línguas grega e latina conheciam determinadas palavras que eram, em primeiro lugar, utilizadas para preencher os pés da métrica clássica e para embelezar o discurso, como teorizou a maioria dos gramáticos daquelas línguas. No entanto, esses mesmos elementos também não deixaram de se especializar noutras funções — não tanto de natureza morfossintáctica, mas sobretudo pragmática. De facto, eles activam manifestamente o que hoje se chama pressuposições pragmáticas e implícitos conversacionais, como, de certa forma, Pompeio (séc. IV) havia demonstrado. Os gramáticos gregos, na impossibilidade ou desconhecimento de melhor classificação, integraram algumas destas palavras no conjunto das conjunções, chamando-lhes “σύνδεσμοι παραπληρωματικοί”. Por sua vez, os gramáticos latinos, que, muitas vezes, se limitaram a traduzir os gregos, chamaram-lhes “*coniunctiones expletivae*”. Para além de insatisfatórios, estes conceitos também vieram a desaparecer posteriormente das gramáticas tradicionais gregas e latinas. É assim que a última gramática latina usada em Portugal que ainda registou esta classificação foi a do P.e Manuel Álvares.

Depois de essa classificação (“conjunções expletivas”) ter desaparecido completamente da análise gramatical, os teóricos da língua portuguesa, já no século XIX, sentiram, apesar disso, a necessidade de não as ignorar ou de não deixar de tomar em conta os elementos que lhes equivalem, constituindo um conjunto separado de palavras que denominaram “partículas de realce” ou partículas expletivas, um grupo que não se integra em nenhuma das partes do discurso tradicionais. Desde então, não houve qualquer alteração substancial, e hoje, por exemplo, a gramática de Cintra/Cunha apenas refere que são palavras de “classificação extremamente difícil” (1987: 549), aliás na mesma linha do que Cunha tinha feito — “palavras de classificação à parte” (1971: 251).

É no entanto de referir uma importante exceção: em 1930, Said Ali publicou no Brasil um estudo onde apresentou algumas destas partículas, tratadas juntamente com o que chamou «*expressões de situação*», menosprezando inclusivamente a classificação tradicional de *expressões de realce*, por não entender os termos em que alguns autores justificavam a designação: “isto de dar força, graça ou energia será muito bom, mas são termos muito vagos; e se perguntarmos qual das tres qualidades accresceu ao primeiro exemplo, e qual ao segundo, não será facil responder. As supostas qualidades podiam-se reduzir a duas. Ainda não se definiu a diferença entre força e energia de expressão”¹. Said Ali tem um valor excepcional, mas também tem sido facilmente esquecido. O seu contributo parece não ter tido consequências, e muitos gramáticos, incluindo Cintra/Cunha (1987), não o referem sequer na bibliografia.

Parece-nos, contudo, que a terminologia que hoje melhor se coaduna com a função que essas partículas desempenham nos enunciados é a proposta por Roulet (1980), Spengler (1980), Hölker (1984), Franco (1990, 1991) e Schmidt-Radefeldt (1993), que apresentam *mutatis mutandis* as seguintes hipóteses de classificação das partículas discursivas: modais, argumentativas, topográficas e interaccionais, para além de outros marcadores discursivos.

Entendemos por partículas modais aqueles elementos linguísticos que exprimem a modalidade emotiva ou a atitude do falante face ao enunciado, às expectativas, às relações sociais e ao saber compartilhado que admite existir entre os parceiros da comunicação (Cfr. Franco, 1991: 187); partículas argumentativas são aquelas com que “o falante sublinha o valor semântico do seu discurso ou da sua argumentação” (Schmidt-Radefeldt (1993: 65); as partículas topográficas revelam-nos como o falante “estrutura textualmente o seu discurso” (*ibidem*); e, finalmente, como partículas interaccionais consideramos aqueles elementos linguísticos que têm por finalidade

¹ SAID ALI, Manuel (1930), *Meios de Expressão e Alterações Semânticas*, Rio de Janeiro, pág. 50.

sublinhar a relação interaccional / fática entre o falante e o seu interactante e/ou o enunciado.

1. O primeiro gramático grego digno desse nome foi Dionísio da Trácia. De acordo com a tradição, viveu no séc. II a. C. (170 — 90) e era natural da Trácia. Foi discípulo de Aristarco da Samotrácia e compilou uma «cartilha», uns apontamentos para os seus discentes, sobre análise textual. O seu objectivo era colocar ao dispor dos alunos material para análise das obras de Homero. É um brevíssimo manual onde condensa uma taxonomia e uma terminologia gramatical tão elaboradas que não chegaram a ser ultrapassadas nas gramáticas subsequentes: Apolónio Díscolo, por exemplo, optou por critérios diferentes, sob a perspectiva sintáctica, mas manteve sempre a nomenclatura de Trácio; e os gramáticos latinos, ora baseando-se em Apolónio, ora em Dionísio, nunca conseguiram cortar esse “cordão umbilical” com o espólio grego. A “Arte” de Dionísio é, de facto, o ponto de partida de todas as gramáticas europeias.

Dentre as conjunções (σύνδεσμοι), tem para nós especial interesse a sub-espécie denominada pelo trácio de οἱ παραπληρωματικοί, termo derivado do verbo παραπληροῦν (παρά + πληρό + εν), que significa «completar»². Para Dinis da Trácia, nome por que também ficou conhecido, as conjunções expletivas são as que se empregam por causa da métrica ou do ornato. Estas são: δὴ ῥά νύ ποῦ τοί θήν ἄρ δῆτα πέρ πώ μὴν ἄν αὖ νῦν οὖν κέν γέ³. Com esta definição, fica relativamente claro o que o Trácio pensa das conjunções expletivas, já que apenas se usam para «completar» /

² Cfr. BAILLY, Anatole (1985), *Dictionnaire Grec-Français*, Hachette, 39ª edição, Paris, pág. 1472.

³ DIONÍSIO DA TRÁCIA (1989), *Γραμματικὴ Τέχνη*, tradução francesa de Jean Lallot, *La grammaire de Denys le Thrace*, Centre National de la Recherche Scientifique, Paris, pág. 64: “παραπληρωματικοὶ δὲ εἰσιν ὅσοι μέτρον ἢ κόσμον ἔνεκεν παραλαμβάνονται. εἰσὶ δὲ οἷδε· δὴ ῥά νύ ποῦ τοί θήν ἄρ δῆτα πέρ πώ μὴν ἄν αὖ νῦν οὖν κέν γέ”.

«preencher» os pés métricos e para tornar o discurso mais belo, mais bem ornamentado.

2. Apolônio Díscolo foi o gramático mais importante de toda a antiguidade grega. Viveu em Alexandria nos finais do séc. I d. C., e o seu magistério coincidiu, possivelmente, com a chegada ao poder dos Antoninos ou com os primeiros anos do reinado de Trajano. Tem a alcunha de Díscolo (Δύσκολος) por ser considerado difícil e complicado. A grande maioria dos dados que temos sobre a sua vida é mais anedótica que verdadeira, e o pouco que sabemos deve-se a Teodósio Alexandrino (séc. IV-V). Este autor, para além dessas múltiplas informações, também nos leva a pensar que Apolônio Díscolo deve ter escrito um livro sobre as oito partes do discurso que se terá perdido.

Seria deveras interessante fazer uma análise das concepções linguísticas de Apolônio e do seu método analítico, porque foi verdadeiramente original e inovador para a sua época, somente comparável ao papel que Saussure ocupou nos estudos linguísticos modernos, por mais exagerado que seja o termo de comparação. Apolônio aplica já nessa altura, por exemplo, a noção de “coerência linguística”, reconheceu a importância do verbo e do nome como elementos essenciais à oração e afirmou que a elipse é primeiramente um fenómeno linguístico e não retórico. Esta noção deriva da consideração da perfeição sintáctico-semântica oracional ou completude de forma e sentido. Para os gregos, perfeição não era a posse do todo, mas a ausência da necessidade. Logo pode e deve suprimir-se tudo o que for considerado desnecessário à comunicação e deve fazer-se uso da elipse⁴.

É também particularmente interessante, por exemplo, a referência de Díscolo àquilo que, mais tarde, Bühler (1965: 80) denominou *deixis ad oculos* e *Deixis am Phantasma*: “Ahora bien, cuando ἐκεῖνος [aquele] y οὗτος [este] no señalan algo a la vista,

⁴*Ibidem*, pág. 43. Esta noção de elipse está intimamente relacionada com o «princípio de quantidade» defendido por GRICE, Paul.

sino que son anafóricos, hay que pensar que su deixis se refiere a algo mental, de suerte que unas deixis son de lo que está a la vista y otras de lo que está en la mente; según esto, al ser ambos defécticos por naturaleza, no pueden construirse con un artículo que les resulta antitético"⁵.

Alguns gramáticos declaram que foram influenciados pela obra de Apolónio. Se estabelecêssemos uma genealogia gramatical, facilmente concluiríamos o quanto Chomsky deve ao alexandrino (Apolónio Díscolo > Prisciano > Nebrija > Brocense > Port-Royal > Chomsky)⁶.

⁵APOLÓNIO DÍSCOLO (1987), *Sintaxis*, tradução espanhola por BÉCARES BOTAS, Vicente, Editorial Gredos, Madrid, pág. 163. Nesta passagem, DÍSCOLO já observa os três tipos de deixis analisados, mais tarde, por BÜHLER: aquele mostra que os pronomes demonstrativos são anafóricos, pois relacionam-se com elementos (pessoas ou objectos) anterior (*anáfora*) ou posteriormente (*catáfora*) anunciados, podendo também reportar-se a algo visível, presente no momento da enunciação (*deixis ad oculos*), ou ainda a elementos só detectáveis através da memória compartilhada entre os falantes (*deixis am Phantasma*).

⁶ É evidente a importância deste gramático Alexandrino até à actualidade, visto ele ter influenciado directamente a obra de PRISCIANO, por exemplo. "El hecho que más decisivamente marcaría la supervivencia de Apolónio fue el uso que Prisciano (s. VI) hizo de él, pues, al traducirlo al latín en sus *Institutiones*, modelo durante muchos siglos de todas las gramáticas latinas, lo asentó en los fundamentos de la gramática occidental" (BÉCARES BOTAS, Vicente, *Introducción in APOLÓNIO DÍSCOLO*, op. cit., pág.60). PRISCIANO influenciou directamente a obra de NEBRIJA: "Un comentarista de la obra del nebricense dirá que está traduciendo a Prisciano, XVII 1 Y 2, y, aunque Prisciano non oculta sus fontes («in plerisque Apollonii auctoritatem sumus secuti»), tendrá en parte razón, pero también Prisciano estaba traduciendo Apolonio" (Ibidem, pág. 62). Franciscus Sanctius BROCENSIS na sua gramática, *Minerva seu de causis linguae latinae*, cerca de um séc. depois (1585) de Aelius Antonius NEBRICENSIS (1492), também o cita directamente em grego, para que não haja qualquer tipo de dúvida quanto às suas influências. No entanto, "al hablar del brocense, se habla de la transcendencia de su obra para la Gramática de Port-Royal y, en esta línea, llegaríamos hasta Chomsky que recoge los ecos de la Minerva, aunque no la leñera" (Ibidem, pág. 63).

Em conclusão, devemos considerar Apolónio Díscolo como um gramático que teve um peso capital nos estudos gramaticais da sua época e que é um dos pilares da gramática da civilização ocidental: "Con sus errores y deficiencias que cualquiera puede detectar, con su estilo difícil: silogístico, condensado, reiterativo y, a veces, retórico, Apolonio es el padre indiscutible de la sintaxis y firme pilar de la teorización gramatical, en la que alcanzó logros definitivos, tanto por haber hecho el primer gran intento de sistematización, como por la superioridad intelectual que demuestra sobre antepasados y seguidores a la hora de encarar cuestiones lingüísticas"⁷. Apesar de ter sido um gramático muito criticado ao longo dos tempos, não podemos hoje desqualificar esta obra com pressupostos teórico-metodológicos modernos, também obviamente criticáveis: "Lo cierto es que Apolonio se esforzó en la búsqueda de los fundamentos lógicos de una teoría susceptible de ser aplicada metódicamente a la sintaxis. Esfuerzo que la posteridad apreció hasta al punto de considerar que era la única que merecía ser conservada de entre todas las de su tema e época"⁸.

Relativamente ao que Apolónio considerava como conjunção (σύνδεσμος), pouco conseguimos saber, na medida em que só laconicamente se refere a estas: "a maioria delas tomou o nome do seu significado; assim, as condicionais pela condição implícita nos seus membros, as disjuntivas pela distinção, e o mesmo todas as demais".

No entanto, Apolónio dedica três capítulos, no Livro III, às conjunções expletivas, ao contrário do que faz com as restantes conjunções, e refere que aquelas não podem assumir o significado próprio de cada uma delas, porque desempenham funções não facilmente catalogáveis e sistematizáveis, "porque todas elas apresentam um significado próprio, por exemplo, o *ye* uma restrição:

⁷Vicente BÉCARES BOTAS (1987), *Sintaxis*, Editorial Gredos, Madrid, pág. 66.

⁸*Ibidem*, pág. 48.

τοῦτο γέ μοι χάρισαι (...), o δή uma transição no discurso; o πέρ oposição, para além de uma ênfase.

As conjunções expletivas não têm esse nome por causa do seu significado, “pois não é certo, como alguns supõem, que somente sirvam para «completar» os cortes da comunicação, já que (...) cada uma delas tem um significado próprio”. Apolónio compara, por isso, algumas frases, mas destaca apenas duas, para acentuar as diferenças de sentido: “τοῦτό μοι χάρισαι” e “τοῦτό γέ μοι χάρισαι”. Assim, “não é certamente o mesmo τοῦτό μοι χάρισαι (faz-me esse favor) que τοῦτο γέ μοι χάρισαι (faz-me ao menos esse favor), como ἀγαθός ὢν (sendo bom), que ἀγαθός περ ὢν (por bom que sejas), nem significa o mesmo οἱ μὲν παρ’ ὅχεσφι (uns junto aos carros), que οἱ μὲν δὲ παρ’ ὅχεσφι (então eles junto aos carros), já que δή é sinal de que se produz uma transição no discurso”. Basta, por isso, introduzir uma conjunção expletiva, para que o sentido da frase seja imediatamente diferente.

Deste modo, dizer que as expletivas não fazem falta ao discurso, porque em nada modificam o seu conteúdo linguístico, e que podem ser facilmente retiradas, é completamente falso, na perspectiva de Apolónio. Baseados nas suas próprias palavras, podemos concluir pela sua necessidade, porque, se as expletivas podem ser consideradas supérfluas, como muitos afirmam, as restantes conjunções também o podem, já que em determinadas ocorrências não são imprescindíveis ao discurso.

Apolónio Díscolo prova assim que as conjunções expletivas são tão necessárias ao discurso como quaisquer outras conjunções, embora, muitas vezes, sejam usadas pleonasticamente, mas o mesmo acontece com as outras conjunções. Isto acontece, não pelo seu uso “supérfluo” ou pleonástico, mas porque encerram sentidos completamente diferentes: restrição, oposição, transição, etc. Por isso, as conjunções expletivas não poderiam ser classificadas a partir do seu significado, porque são muitos, ao contrário de todas as restantes conjunções, que só apresentam um significado e, por isso, são facilmente

sistematizáveis. Podemos, deste modo, concluir que, de acordo com a perspectiva de Apolónio Díscolo, as conjunções expletivas são polifuncionais e que o seu sentido está dependente do contexto em que se inserem e das funções pragmáticas por elas veiculadas.

3. Assim, e devido à importância que atribuímos a este texto de Apolónio, pois parece-nos verdadeiramente original e responde a algumas dúvidas sobre o funcionamento pragmático de algumas dessas partículas discursivas (γε, περ e δη), transcrevemos na íntegra a passagem que diz respeito apenas a esta sub-categoria de conjunções e apresentamos a respectiva tradução em nota de rodapé.

«127. (...) Οἱ μὲν γὰρ ἄλλοι ἀπ' ἰδίᾳς δυνάμεως ἀναδεχόμενοι τὴν θέσιν ἔσχον τῶν ὀνομάτων, ἀπὸ τοῦ ἐν συναφείᾳ τοὺς λόγους ἐπάγειν συναπτικοί, ἢ ἀπὸ τοῦ διαzeugνῦειν διαzeugτικοὶ καὶ ἅπαντες οἱ ὑπόλοιοι· οἳ γε μὴν καλούμενοι παραπληρωματικοὶ οὐκ ἀπὸ τοῦ δηλουμένου τὴν θέσιν ἔσχον. Οὐ γὰρ ἀληθές ἐστιν, ὥς τινες ὑέλαβον, μόνον αὐτοὺς ἀναπληροῦν τὸ κεχρηνὸς τῆς ἐρμηνείας καὶ διὰ τοῦτο εἰρῆσθαι παραπληρωματικούς· ὅτι γὰρ ἕκαστος αὐτῶν ἔχει τινὰ δύνανμιν, παρεστήσαμεν ἐν τῷ περὶ συνδέσμων. Οὐ γὰρ ταῦτόν ἐστι τὸ τοῦτό μοι χάρισαι τῷ

τοῦτό γέ μοι χάρισαι {Callim. frg. anon. 259, II p 752

Schn.}

οὐδὲ τὸ ἀγαθὸς ὢν τῷ

ἀγαθός περ ἐών {A 131}·

οὐδὲ τὸ αὐτὸ ἐμφαίνει τὸ οἱ μὲν παρ' ὅχεσφι τῷ

οἱ μὲν δη παρ' ὅχεσφι {O 3}·

παραγραφῆς γὰρ λόγου σημείον ἐστὶν ὁ δῆ.

128. Οὐδὲ γὰρ ἐκεῖνο ἐξαίρετόν ἐστιν, τὸ αὐτοὺς μόνον ἐν πλεονάσματι εὐρίσκεσθαι· ἀλλὰ σχεδὸν τὸ τοιοῦτον πάθος σύνεστι καὶ κατὰ τῶν ὑπολοίπων συνδέσμων,

τὸν καὶ Μηριόνης πρότερος {N 306},

ἦτοι μὲν Μενέλαος {Γ 213},

καί τε χαλιφρονέοντα {Ψ 13}·

μυρία ἔστιν εἰς τὸ τοιοῦτο παραθέσθαι. Ἄλλ' οὐδὲ ἴδιον συνδέσμων τὸ ἐν πλεονασμῷ καταγίνεσθαι· σχεδὸν γὰρ ἐπὶ πάσας τὰς λέξεις τὸ τοιοῦτον συντείνει.

129. Καὶ εἰ ἀπὸ τοῦ πλεονάζοντος ἡ θέσις τοῦ ὀνόματος, τίς ἡ ἀποκλήρωσις τοῦ ἐπὶ τῶν συνδέσμων τὸ τοιοῦτο παρηκολουθηκέναι, λέγω τῶν παραπληρωματικῶν, ἢ ὅτι οἱ μὲν ἄλλοι σύνδεσμοι, διάφοροι ὄντες κατὰ τὰς φωνάς, μίαν δύναμιν ἐπηγγέλλοντο, ἐξ ἧς καὶ τὴν θέσιν τοῦ ὀνόματος ἀνεδέχοντο, οὐ μὴν τοῖς παραπληρωματικοῖς ταῦτόν συνηκολούθει; σχεδὸν γὰρ ἕκαστος αὐτῶν ἰδίον τι ἐπηγγέλλετο, μείωσιν μὲν ὁ γέ ἐν τῷ

τοῦτό γέ μοι χάρισαι {Callim. frg. anon. 259,}

παραγραφὴν λόγου ὁ δῆ, ἐναντιότητα ὁ πέρ μετ' αὐξήσεως ἐμφατικῆς ἦν οὖν ἀνέφικτον τὸ ἐκ τοῦ σημεινομένου τὴν ὀνομασίαν αὐτοὺς ἀναδέχεσθαι διὰ τὸν προκείμενον λόγον. Κοινὸν οὖν παρείπετο αὐτοῖς τὸ πλεονάζειν κατὰ τὸ [μῆ]

ἐλλείπον, καὶ ἐκ τοῦ κοινῶς παρεπομένου τὸ ὄνομα ἀνεδέξαντο, οὐ διαψευδόμενοι τὴν θέσιν τοῦ ὀνόματος.»⁹

⁹APOLÓNIO DÍSCOLO (1979), *Περὶ Συντάξεως*, Βίβλια Τέσσαρα, in *Grammatici Græci*, Parte II, Vol. II, Georg Olms Verlag, Hildesheim, 2ª edição, Leipsig. Introdução e recensão crítica por Uhlig, Gustavus, pp. 378-381:

«127. Desde logo a maioria delas (conjunções) tomou o nome do seu significado peculiar; assim, as condicionais pela condição implícita dos seus membros, as disjuntivas pela sua distinção e o mesmo todas as demais; a não ser as chamadas expletivas que não se chamam assim por causa do seu significado. É que não é certo, como alguns supõem, que somente sirvam para completar os cortes da comunicação; de facto, cada uma delas tem um significado próprio, como dissemos no tratado das conjunções. Não é certamente o mesmo τοὔτ' μοι χάρισαι (faz-me esse favor) que τοὔτ' γέ μοι χάρισαι (faz-me ao menos esse favor), como ἀγαθὸς ὢν (sendo bom), que ἀγαθός περ ἔων (por bom que sejas), nem significa o mesmo οἱ μὲν παρ' ὄχρεσφι" (uns junto aos carros) que οἱ μὲν δὴ παρ' ὄχρεσφι (então eles junto aos carros); é que o δὴ é sinal de que se produz uma transição no discurso.

128. Também não é exclusivo delas serem usadas superfluamente, pois quase o mesmo sucede com o resto das conjunções,

τὸν καὶ Μηριόνης πρότερος (e Meríones o primeiro),

ἦτοι μὲν Μενέλαος (então por seu turno Menelau),

καὶ τε χαλιφρονέοντα (e também por ser irreflexivo);

inúmeros exemplos mais do mesmo teor se podiam acrescentar. Mas não é exclusivo das partículas encontrarem-se pleonasticamente; é que o mesmo pode aplicar-se a todas as palavras.

129. E se a sua denominação lhes advém do uso pleonástico, como é que de todas as conjunções lhes tocou a elas a sorte de tal denominação, digo, a de expletivas? Sem dúvida porque as demais conjunções, embora sendo diferentes quanto à forma, encerram um só significado do qual receberam o nome, mas isto não podia aplicar-se às expletivas, pois todas elas apresentam um significado próprio, por exemplo, o γε uma restrição no enunciado τοὔτο γέ μοι χάρισαι (faz-me ao menos esse favor), o δὴ uma transição no discurso, o περ oposição, para além de uma ênfase. Portanto não era possível, pelas razões apresentadas, que recebessem o nome a partir do seu significado. Assim, o que valia para todas era o seu uso pleonástico em quanto que se pode prescindir delas, foi precisamente

Bibliografia

- ÁLVARES, Manuel (1572), *Grammaticarum Institutionum Libri III*, Lisboa.
- APOLÓNIO DÍSCOLO (1979), *Περὶ Συντάξεως, Βίβλια Τέσσαρα*, in *Grammatici Græci*, Parte II, Vol. II, Georg Olms Verlag, Hildesheim, 2ª edição, Leipsig. Introdução e recensão crítica por Uhlig, Gustavus.
- APOLÓNIO DÍSCOLO (1987), *Sintaxis*, tradução espanhola por Bécares Botas, Vicente, Editorial Gredos, Madrid.
- BAILLY, Anatole (1985), *Dictionnaire Grec-Français*, 39ª edição revista por L. Séchan e P. Chantraine, Hachette, Paris.
- CUNHA, Celso (1970), *Gramática Moderna*, Edições Bernardo Alves, S.A., Belo Horizonte.
- CUNHA, Celso, CINTRA, Luís F. Lindley (1987), *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Edições João Sá da Costa, 4ª edição, Lisboa.
- DIONÍSIO DA TRÁCIA (1989), *Γραμματική Τέχνη*, tradução francesa de Jean Lallot, *La grammaire de Denys le Thrace*, Centre National de la Recherche Scientifique, Paris.
- FERNANDES, Gonçalo (1996), “As Conjunções Expletivas I. Recordar Pompeio”, in *Boletim de Estudos Clássicos*, nº 26, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Instituto de Estudos Clássicos, Coimbra, pp. 40-44.
- FERNANDES, Gonçalo (1996), *Partículas Discursivas e Modais: do Latim ao Português*, Fac. de Letras da Univ. do Porto, Porto.
- FRANCO, António (1990), “Partículas Modais do Português”, in *Revista da Faculdade de Letras — Línguas e Literaturas*, II Série, Vol. VII, Porto, pp. 175-196.

dessa acidência comum que receberam o nome, pelo que tal denominação não é falsa».

-
- FRANCO, António (1991), *Descrição Linguística das partículas modais no Português e no Alemão*, Coimbra Editora, Coleção Linguística «Coimbra Editora», nº 5, Coimbra.
- HÖLKER, Klaus Konstanz (1984), «“Quoi” als diskursorganisierende Partikel im gesprochenen Französisch», in *Linguistische Berichte*, nº 92, Westdeutscher Verlag, pp. 46-59.
- POMPEIO (1981), *Commentum Artis Donati*, in KEIL, *Grammatici latini*, Vol. V, Georg Olms Verlag Hildesheim, New York.
- ROULET, Eddy (1980), “Strategies d’Interaction, Modes d’Implication et Marqueurs Illocutoires”, in *Actes de Langage et Structure de la Conversation, Cahiers de Linguistique Française*, nº1, Université de Genève, Genève, pp. 80-103.
- SAID ALI, Manuel (1930), *Meios de Expressão e Alterações Semânticas*, Rio de Janeiro.
- SCHMIDT-RADEFELDT, Jürgen (1993), “Partículas Discursivas e interacionais no português e no espanhol em contraste com o alemão”, in SCHMIDT-RADEFELDT, Jürgen (ed.), *Semiótica e Linguística Portuguesa e Românica: Homenagem a J. G. Herculano de Carvalho*, Gunter Narr Verlag, Tübingen, pp. 63-78.
- SPENGLER, Nina de (1980), “Premier Approche des Marqueurs d’interactivité”, in *Actes de Langage et Structure de la Conversation, Cahiers de Linguistique Française*, nº1, Université de Genève, Genève, pp. 128-148.

GONÇALO FERNANDES